

THE PEREGRINE — CHARLIE CHAPLIN (1923)

No rastilho de uma linha de fronteira,
entre dois Estados, entre duas ameaças,
não há trilho disponível para um homem
sem dinheiro e com estômago sensível.

Entre a espada do delito e a parede
social, por caminhos arrancados ao azar,
multiplicam-se os cuidados: é tudo
eventual, as estradas são acerbadas,
desonestas. Só se pode andar a pé.

O ar ainda é grátis, pensa ele, como
a sombra que protege o caminheiro.
Quanto ao mais, que lhe resta?
Fugir à nossa frente, supor um véu
de cinza entre resíduos animais,
resistir à tentação de ser alguém.

O ANJO AZUL — JOSEPH VON STERNBERG (1930)

Emil Jannings, o último homem, era professor de Lógica e vivia numa torre de amianto. Pesado, livresco, gostava de passear nas alamedas com as mãos atrás das costas, de receber a saudação dos esféricos andróginos que por lá circulavam. Um dia foi ao circo e conheceu Marlene — O Animal Mais Perigoso do Mundo. E pouco lhe faltou para morrer de pronto.

Foi assim que o desejo o obrigou a descer, degrau a degrau, cada vez mais indefeso, da divina perfeição à ratoeira do amor terreno: comarca permeável a fulgores intoxicantes, e onde golfos de poeira facilmente cegam um professor de Lógica. Isso mesmo aconteceu, para grande terror de quem assistia.

Debatendo-se num pântano sem regras, a bandeira do espírito, nos olhos de Emil Jannings, terminou numa valeta. Misturada com escarros, pontas de cigarros e outros coloridos sedimentos da paixão.

FREAKS — TOD BROWNING (1932)

Aquilo que para nós é injustiça, é motivo
de risota para Deus, cujo sentido de humor
nos parece, por vezes, um tanto pesado.
O jogo dos dons, por exemplo,
é como um barco encalhado
nos baixios do nosso entendimento.

Tomemos os feios: raramente nos inspiram
compaixão, e quanto mais sofrem
mais os desprezamos. Será isto natural?
Já os belos, os marcados por divina graça,
esses podem à vontade ser os maus,
que não há quem lhes retire a passadeira.

Importava certamente refutar, em mil
novecentos e trinta e dois, o ideal estipulado
nas cervejarias de Munique.
Mas nós vemos rastejar a revolta moral
dos desastrados, ao cair do pano,
e em vez de aplaudir engolimos em seco,
vamos para a cama a resmungar
— porcaria de filme nos foi dado viver.

O ATALANTE — JEAN VIGO (1934)

No dia em que fomos ver *O Atalante*
eu levava, por coincidência, um cubo de gelo
no bolso do casaco. Lembro-me de tremer
um pouco. Até aí, tudo bem. Pior,
foi quando te ouvi pronunciar, distintamente:
quem procura o seu amor debaixo de água,
acaba constipado.
Na altura, ri-me: pensei que falavas do filme.
Sou tão estúpido.

AN AMERICAN ROMANCE — KING VIDOR (1944)

Era uma fábrica de aluimentos — Easy Cake Machines. Entrava-se nela por alto portão e logo os cascos, os cornos, a pelagem hirsuta, nos comunicavam o abandono de toda a esperança. Separados por colunas de vapor, de humano já só tínhamos o medo do despedimento. Tudo o mais fora rendido à produção em série de gemidos, que roldanas e bielas, retortas, segmentos apuravam. À hora do almoço, duas asas de galinha, um feltro de bissílabos: divisas de renúncia na marmitta cor de fogo. E cada vez mais fracos, mais pequenos, mais endurecidos, o olhar como um andaime soterrado. A cadência dos motores acompanhava-nos a casa, uma escolta de cansaço que tentávamos, por vezes, com a música do vinho despistar. A vida que emprestámos, recebemo-la sem juros, mutilada. Entregámos ao bandido o ouro todo — grandes nabos — em troca de suor, mãos de sebo, olhos baixos, a desonra dum salário prisional. Foi assim, por muito que o neguem ideólogos de prata. E sequer este consolo nos resta, de nos verem como fomos — figuras de tragédia.